

MODA

## Como a 'quiet luxury' foi de 'Succession' à SPFW e se tornou a moda do momento

Seja na série da HBO ou na vida real, o 1% tem preferido o discreto ao chamativo para desfilir por um mundo em crise



**Caio Delcolli**

**SÃO PAULO** "Todo mundo está rindo discretamente", diz Tom. "Por quê?", pergunta Greg. "Porque ela trouxe aquela bolsa ridiculamente espaçosa", responde o primeiro apontando para a mulher que Greg levou como companhia ao evento. "O que tem ali dentro? Sapatos sem salto para andar de metrô?"

Esta cena da quarta temporada de **"Succession"**, **série recém-encerrada** da HBO que satiriza os bilionários, a um só passo mostra a mesquinha dos personagens e a escolha deles pelo vestuário discreto e elegante. Mas aqui no mundo real, a simplicidade do guarda-roupa da série talvez não seja exatamente acessível a 99% da população.



Modelo em desfile da Miu Miu na Semana de Moda de Paris, em março de 2023, apresentando um look para a temporada de outono e inverno - AFP

Segundo a **Succession Fashion**, página de Instagram que identifica as grifes e os valores das peças usadas pelos personagens, um macacão listrado da Ralph Lauren usado por Shiv, papel de Sarah Snook, por exemplo, custa aproximadamente R\$ 9,5 mil.

Kendall, vivido por Jeremy Strong, traja um blazer de cashmere da Tom Ford que vale algo em torno de R\$ 23.400, enquanto Tom, o executivo interpretado por Matthew Macfadyen, usa uma jaqueta da Herno estimada em R\$ 7 mil.

"Succession" não está sozinha nisso. O filme **"Tár"**, com **Cate Blanchett**, mostra a atriz trajando looks que seguem a mesma linha. Ela veste peças de Egon Brandstetter, o badalado alfaiate alemão, e da The Row, marca das gêmeas Olsen.

1 / 19 "Succession": Veja looks da 4ª temporada da série da HBO



A tendência de moda "quiet luxury", ou luxo silencioso, não está apenas na ficção. Na São Paulo Fashion Week deste ano, **Igor Dadona** e **Marina Bitu** são exemplos de etiquetas brasileiras que apresentaram peças que poderiam ser facilmente usadas em composições no estilo.



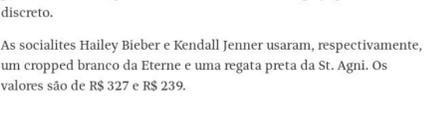
A primeira mostrou peças sóbrias de alfaiataria, enquanto a segunda mostrou calças, camisas e macacões que poderiam ser usados por milionários em um jantar.

A atriz Gwyneth Paltrow fez **um evento fashion do julgamento** no qual ela foi inocentada por um acidente de esqui. A vencedora do Oscar seguiu à risca os parâmetros da "quiet luxury", vestindo algumas das marcas que o têm protagonizado: uma bota da Céline de R\$ 6 mil, um casaco da The Row de R\$ 7.500 e um colar de ouro da Foundrae, customizado para a atriz por R\$ 126 mil, são alguns exemplos.

Estar diante de um juiz para provar a sua inocência, quem diria, pode ser um "fashion statement".

A "quiet luxury" foi adotada por influenciadoras digitais até mesmo no **Coachella**. O festival de música, que geralmente é uma passarela para looks extravagantes e lúdicos, também foi espaço para o discreto.

As socialites Hailey Bieber e Kendall Jenner usaram, respectivamente, um cropped branco da Eterne e uma regata preta da St. Agni. Os valores são de R\$ 327 e R\$ 239.



Também conhecida como "stealth wealth", ou riqueza discreta, a tendência afirma, a grosso modo, que chique mesmo não é sair por aí ostentando logomarcas. Afinal, se você é rico de verdade, para quê dizer isso insistentemente?

Nesse sentido, são preferíveis peças e cores atemporais e básicas para a composição de looks minimalistas. Mas os valores tendem a ser o oposto. É o novo desdobramento da "recession core", ou estética da recessão, que é decisiva para entender a moda de 2023.



Gwyneth Paltrow deixando o tribunal, em Park City, Utah, vestindo um casaco da marca The Row - REUTERS

A célebre designer Phoebe Philo, quando assumiu a direção criativa da Céline em 2008, apostou no minimalismo quando o crash econômico daquele ano aconteceu. O trabalho da britânica se tornou fundamental para a estética da década seguinte. Em setembro deste ano, ela inaugura a própria marca, voltando à ativa cinco anos após deixar a Céline.

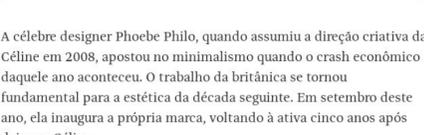
Tanto a edição feminina quanto a masculina da Semana de Moda de São Paulo mostraram grifes da alta-costura, como Prada, Ferragamo, Yves Saint Laurent, Miu Miu e Gucci, apostando suas fichas no mesmo jogador.

No Brasil, destacam-se as marcas Handred, Uma, Gloria Coelho, Osklen e Cris Barros, entre outras. A maioria dos modelos são de marcas cujos preços têm no mínimo três ou quatro dígitos.

A "quiet luxury" responde a um contexto socioeconômico, diz Sofia Martellini, estrategista de moda da WGSN, empresa especializada em tendências de consumo.

"Vivemos uma época de policrise —são muitas acontecendo ao mesmo tempo, como pandemia, guerra na Ucrânia e recessões. As classes mais altas são as menos afetadas nesses cenários", afirma. Para o consumidor de luxo, perdeu o sentido ostentar quando o básico falta a tantas pessoas.

1 / 14 Veja looks de marcas internacionais adeptas à tendência da 'quiet luxury'



A tendência reflete também uma preocupação ambiental. Com o planeta sobrecarregado de peças descartadas **sob estímulo do fast fashion** —e os brechós, não à toa, **em expansão**—, uma atenção especial tem sido dada à durabilidade e aos tecidos e cortes de qualidade.

Com o distanciamento social causado pela pandemia, o segmento da alfaiataria sofreu muito —afinal, estavam em casa usando moleton. Conforme a quarentena foi se afrouxando, ela foi se popularizando. Ela é importante para a moda "quiet luxury". "Se bem-feita, pode gritar luxo", afirma a estrategista.

O alfaiate e designer Mateus Cardoso observa manifestações desse fenômeno em seu ateliê homônimo em São Paulo. "Em momentos de crise, recorremos ao clássico", diz.

Segundo ele, a alfaiataria é um lugar seguro. "Cor, corte e detalhes podem até mudar, mas a essência continua a mesma. É um design que não vai embora."



Desfile de inverno de 2023 da grife Yves Saint Laurent - Divulgação

Ele diz acreditar que não se trata de algo passageiro, pois a discussão ambiental se impõe.

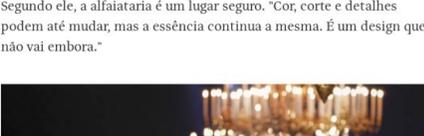
"A alfaiataria pode não ser muito usada no Brasil por questões de clima e cultura, mas a ideia do consumo consciente não deveria sair de moda."

Carolina Casarin, historiadora da moda e autora do livro **"O Guarda-Roupa Modernista"**, diz se tratar de um ciclo se voltar ao passado em momentos de incerteza —e que a economia anda lado a lado com a estética.

O contemporâneo traz ecos das guerras mundiais, em que a preferência por usabilidade e menos detalhamento nas roupas estavam em alta. Enquanto a Primeira Guerra Mundial acontecia, a Europa deixava de lado a opulência exibicionista da estética feminina em meio ao luto causado pelo conflito.

"Veio à tona a intersecção entre o luxo e a moral. As rendas e as grifes saem de cena", diz. "Mas no fim da Segunda Guerra, a indústria precisava propor uma estética mais exuberante para reaquecer a economia. A aparência feminina voltou a se pautar numa ideia de ostentação."

1 / 23 Veja marcas brasileiras que apostam na 'quiet luxury'



Fernando Hage, coordenador do curso de moda da Fundação Armando Álvares Penteado, a FAAP, lembra que, no início do século 20, Chanel dizia fazer roupas simples para ricos.

"Tem uma visão estratégica do mercado que é a de popularizar esses

notícias da folha no seu email

relacionadas



Por que críticos dizem que episódio final de 'Succession' é 'perfeito' e 'brutal'?

'Succession' repete tragédia de 'Rei Lear' no frio mundo dos negócios

O que maratonar depois do fim de 'Succession', 'Barry', 'Ted Lasso' e 'A Maravilhosa Sra. Maisel'?



Médico renomado: Muita gordura na barriga? Faça isso antes de dormir

Doctor Emagre... | Patrocinado por Sabola

veja também



ARTES CÊNICAS

Veja os espetáculos em destaque e leia críticas teatrais

MULTITELA

Confira quais são os destaques da televisão



Cidade de São Paulo oferece tratamento contra o tabagismo na rede pública de saúde



PARAR